manchete

Jornal Negócios	Periodicidade: Diário	Temática: Cultura
Weekend	Classe: Economia/Negócios	Dimensão: 651
13-05-2011	Âmbito: Nacional	Imagem: S/Cor
	Tiragem: 17000	Página (s): 14

Tensão e cor marcam "Fronteiras", a maior mostra de fotografia africana alguma vez apresentada em Portugal. Está, a partir de hoje, nas Galerias de Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian. **LÚCIA CRESPO** lcrespo@negocios.pt

Zanele Muholi (África do Sul), Série: Miss Divine, 2008

Cais de portos, pontões de praias, "resorts" vigiados são espaços de tensão permanente retratados na exposição "Fronteiras", a maior mostra de fotografia africana alguma vez apresentada em Portugal. Está, a partir de hoje, nas Galerias de Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian. Uma mostra colectiva de fotografia e vídeo que resulta da última edição dos Encontros de Bamako - Bienal de Fotografia Africana, produzida em 2009. Chega agora a Portugal e traz consigo um debate sempre actual num mundo onde, por um lado se proclama e se pratica o desaparecimento das fronteiras políticas e económicas e, por outro, são erigidos muros para protegê-las, como traçam as curadoras dos Encontros de Bamako, Miichket Krifa e Laura Serani.

"Na verdade, o tema é particularmente caro para os fotógrafos originários do continente africano e das suas diásporas. É um tema tratado diariamente por causa dos fluxos migratórios que são uma constante africana desde a década de sessenta, mas que nestes últimos anos têm assumido proporções invulgares. A forma como a fronteira - entre a África e a Europa e entre a África e os Estados Unidos - tem sido vivida pelos lado dos africanos que tentam imigrar é maioritariamente sofredora, medonha, mortal para milhares de entre eles. Ao mesmo tempo, a forma como, da parte de alguns governos europeus, a fronteira tem sido de alvo de repressão, exclusão, segregacionismo e até de cativeiro, como é o caso dos recentes bloqueios dos comboios entre Itália e a França, diz bem da importância simbólica e real do tema", comenta, ao Negócios, António Pinto Ribeiro, comissário do Programa Gulbenkian Próximo Futuro, responsável pela exposição. "Mas este é um assunto que tem uma história mais antiga. É sabido que na Conferência de Berlim de 1884 os governos europeus dividiram a régua e esquadro - literalmente - a África, tendo, com essas fronteiras, separado tribos, clãs, famílias, o que constituiu um enorme atentado às identidades de grupo e individuais da maioria dos povos africanos. Ainda hoje esse trauma existe e as consequências destas fronteiras no interior de África não são também, como é sabido, nada pacíficas".

A mostra, que estará patente até 28 de Agosto, exibe um total de 180 fotografias e vídeos de artistas de todos os países africanos, incluindo os do Norte de África. "A exposição confirma a diversidade do continente africano: pelo diferente grau de acessibilidade às técnicas, aos materiais, à formação, à visibilidade que uns fotógrafos têm e outros não. Ou seja, há países e cidades africanas onde a fotografia é possível e pode ser até reconhecida, vendida, estimada, internacionalizada, exposta, e há países onde, pura e simplesmente, não existe - por motivos de regime, por motivos económicos, ou por ambos", sublinha António Pinto Ribeiro. "Surpreende, por outro lado, a diversidade de temas tratados: do retrato, das situações sociais difíceis, de guerra e ao mesmo tempo de fotografia de enorme 'glamour', de alegria de vida, de tratamento da fronteira como fronteira entre géneros ou entre a ruralidade e a urbanidade", continua. "E surpreende a presença da mulher, quer como fotógrafa - dez fotógrafas num conjunto de 56 fotógrafos e o tema é também recorrente. Sim, há mulheres a tratar a fotografia no seu estatuto político, reivindicativo ou numa abordagem de exaltação da beleza feminina e africana, mas já bastante diferente dos clichés da negra sensual de calendário", salienta. "Finalmente, é uma exposição com muita fotografia a cor!" w